

## Os rastros do autor: uma investigação dos recursos estilísticos na obra de Jorge Andrade

### The author's tracks: an investigation of stylistic resources in the work of Jorge Andrade

AZEVEDO, Elizabeth Ferreira Cardoso Ribeiro. **Recursos estilísticos na dramaturgia de Jorge Andrade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

Cassiano Mignoni<sup>1</sup>

A busca pela reconstituição dos fragmentos do indivíduo que se deslocam entre os diversos campos da vida humana, interagindo e interiorizando com o mundo em sua volta, é o caminho percorrido por Elizabeth Ribeiro Azevedo, que investiga os recursos estilísticos presentes nas obras do dramaturgo paulista, Jorge Andrade (1922-1984). A autora é historiadora (1983, Universidade de São Paulo [USP]), mestra (1995, USP) e doutora (2002, USP) em artes cênicas, e pós-doutora em linguística (2016, Universidade de Lisboa [UL]), tendo publicado sua tese de doutorado neste presente livro (*Recursos estilísticos na dramaturgia de Jorge Andrade*) no ano de 2014, foi professora de Teatro Brasileiro e História das Artes Cênicas na ECA/USP, é orientadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da ECA/USP e também tem atuado em pesquisas na área do teatro paulista, coordenando o Laboratório de Informação e Memória do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes - LIM CAC (USP)<sup>2</sup>.

A autora tem um grande percurso em pesquisas sobre o teatro paulista, sobretudo em Jorge Andrade, que é “reconhecidamente um dos maiores dramaturgos brasileiros do século XX. Visceralmente ligado à história nacional [...]” (p. 11)<sup>3</sup>, na qual, buscou em suas peças retratar aspectos da sociedade brasileira, em diferentes contextos históricos, como por exemplo, *A Moratória* (ANDRADE, 1965), em que o enredo passa pela “[...] crise histórica do café nas décadas de 1920 e 1930.” (p. 77), ou ainda em *As Confrarias* (ANDRADE, 1970) que é “[...] ambientado em Minas Gerais no século XVIII, à época da Inconfidência.” (p. 132). Azevedo reflete que a obra do dramaturgo introduziu novos paradigmas ao teatro brasileiro, adicionando recursos expressionistas e épicos com temas poucos abordados até então por seus companheiros e companheiras.

---

<sup>1</sup> Graduado em História na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Chapecó/SC. Contato: mignonicassiano@gmail.com.

<sup>2</sup> Informações sobre a autora retiradas de seu currículo lattes, disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/5086642075315709>>. Acessado em: 19 de jun. de 2020.

<sup>3</sup> O crítico teatral Sábato Magaldi (1927-2016) aborda a influência da dramaturgia de Jorge Andrade no teatro nacional, ver mais em: Magaldi (1997 e 1998).

O caminho traçado pela autora busca através dos documentos deixados por Andrade, entrevistas concedidas, artigos de jornais (o mesmo já atuou como repórter<sup>4</sup>), suas peças e assim como, pesquisas realizadas em torno dos 30 anos de produções do dramaturgo. No capítulo 1, *Fortuna crítica*, Elizabeth R. Azevedo faz uma relação de estudos relevantes sobre as obras do autor investigado, apresentando pesquisas e brevemente explicitando como convergem para identificar os recursos expressionistas e épicos. Além de buscar na sua formação influências que estão dispostas na sua produção, como o período em que estudou na Escola de Arte Dramática (EAD) durante a década de 1950<sup>5</sup>, assim fazendo a trajetória do intelectual entre os diversos encontros e desencontros.

O que busca demonstrar no segundo capítulo, *Expressionismo e teatro épico*<sup>6</sup>, é que estes recursos foram poucos investigados na obra *andradina*, mas seu uso é recorrente, inclusive citando dramaturgos importantes de ambos estilos teatrais entre seus preferidos, como Arthur Miller e Bertolt Brecht<sup>7</sup>. Além de investigar as influências que teve na EAD, a autora apresenta nas peças como são utilizados estes recursos, como quando os conflitos da personagem, Vicente, em *O Sumidouro* (ANDRADE, 1970), ressoa o estilo expressionista, ou ainda utilizando-se de recursos épicos na mesma peça, como “[...] *slides*, filmes, quebra das unidades de tempo e espaço” (p. 147), pontua Azevedo, se referindo sobre as combinações destes estilos na concepção de suas obras. A autora faz referências de pesquisas que tratam do surgimento do teatro épico no Brasil, apontando que “é de estranhar que os trabalhos que tratam do surgimento e das realizações de peças desse estilo [épico] entre nós nem sequer mencionem o dramaturgo paulista [...]” (p. 35), em outras obras, referem-se a relevância de Andrade no teatro, porém, sem analisar profundamente suas obras. Azevedo declara que “nenhum outro autor brasileiro que escreveu entre os anos de 1950 a 1970 fez como Jorge tal tipo de combinação, [...] pode-se dizer que Jorge Andrade é um expressionista por índole e um épico por formação.” (p. 41). A trajetória do autor dá legitimidade para a autora expressar que, em sua formação teve contato com o teatro de Brecht nas montagens das peças do britânico durante os anos em que

---

<sup>4</sup> Sua atividade jornalística na revista *Realidade* interpela sua atuação como dramaturgo, utilizando temas de reportagens para compor suas peças, como por exemplo em *O Mundo Composto* (1972) que foi publicado na própria revista, ou ainda em *O Incêndio* (1979, Editora Global) que utiliza-se de acontecimentos reais ocorridos em Chapecó/SC na década de 1950, como um artefato para refletir problemas sociais de seu tempo, “[...] revelando as contradições que atormentam o homem na sociedade atual e na histórica brasileira.” (AZEVEDO, 2014, p. 149) afirma Jorge Andrade.

<sup>5</sup> Jorge Andrade afirma “Quem me ensinou realmente teatro foi a Escola de Arte Dramática (EAD) - Décio [Prado], Paulo Mendonça, Sábato Magaldi [...]. Num certo sentido, eu sou produto da Escola de Arte Dramática [...]” (AZEVEDO, 2014, p. 44).

<sup>6</sup> A autora utiliza como referência quando fala do expressionismo e épico principalmente as obras de Gliksohn, Miller, Rosenfeld, Brecht e Pavis que formam a base teórica de sua argumentação acerca dos recursos estilísticos pesquisados nas peças de Andrade.

<sup>7</sup> Nesta trajetória, Jorge Andrade, chegou a encontrar Miller nos EUA em 1956, em que recebeu um conselho que Azevedo menciona como “que o ajudou a definir sua dramaturgia: ‘Volte para seu país e procure descobrir porque os homens são o que são, e não o que gostariam de ser - e escreva sobre a diferença’.” (AZEVEDO, 2014, p. 48). Além de que, ambos os dramaturgos aparecem em retratos na peça, *O Sumidouro* (ANDRADE, 1970), sob a mesa da personagem Vicente, dramaturgo e alter ego de Andrade.

esteve na EAD, e por índole quando instiga a investigar o que são os homens e mulheres em suas ações, remetendo-se a sua própria trajetória de constantes indagações sobre a vida e a sociedade brasileira<sup>8</sup>.

Nesse sentido de buscar saber quem são esses homens e mulheres brasileiras, são constantes questionamentos em suas obras, sendo boa por parte, devido a influência que teve em contato com o sociólogo Antonio Candido na EAD e, posteriormente com as obras dos historiadores: Caio Prado Júnior e Sérgio Buarque de Holanda. Deste modo, Azevedo afirma que:

Essa passou a ser a vida de Jorge. Escrever tentando explicar o por que os homens são que são. Daí a importância do passado em sua obra. Primeiro surgindo pela memória pessoal, depois alargando a visão histórica, para compreender o processo de formação da sociedade brasileira e criar um teatro genuinamente nacional, usando o palco para denúncia das injustiças e para terapia destinada a espantar seus demônios interiores. (p. 49)

Com base nestas considerações, a autora procura demonstrar nos próximos capítulos, como esses recursos e inspirações manifestaram ao longo de suas dezoito peças escritas, enfatizando as aproximações e distanciamentos que revelam as individualidades do autor (e autores), atento às posições teóricas-metodológicas da biografia expostas por Giovanni Levi quanto a manifestação das liberdades individuais, como elucidada Malatian (2008) ao analisar os pressupostos de Levi, reitera que a “[...] constante busca da afirmação da liberdade individual manifesta nas escolhas realizadas pelos indivíduos diante de possibilidades.” (p. 30). Desse modo, Azevedo se aproxima das metodologias biográficas, por mais que não tenha citado esse aporte teórico nas suas análises, demonstra-se similaridades, como quando proclama: “[...] sempre lembrar que a aproximação entre autores deve ser feita não apenas na procura de identidades (que denotam aproximação de gênios e também de circunstâncias), mas sobretudo, na identificação das diferenças reveladoras das individualidades.” (p. 51).

Nos próximos capítulos a autora apresenta as obras de Jorge Andrade de forma cronológica com base nas datas que iniciou o processo de escrita, Azevedo utiliza para fomentar sua pesquisa os arquivos do acervo da EAD que se encontram na Biblioteca da ECA-USP, do Centro Cultural de São Paulo, da biblioteca do Museu Lasar Segall e o acervo particular de Andrade, sob guarda de Helena de Almeida Prado (viúva do autor). Nestes arquivos busca versões antigas de peças não publicadas para demonstrar as alterações feitas pelo autor e como foi o processo de elaboração das mesmas. Também, utiliza-se de artigos

---

<sup>8</sup> Jorge Andrade quando questionado em entrevista sobre suas obras, respondeu: “Minha dramaturgia é isto: vai e volta, vai e volta, tudo enraizado naquela Pietá Fazendeira, que é a quebra de um mundo. [...] e aí que comecei a procurar alguma coisa, alguma coisa perdida que eu não sabia o que era. Até que, escrevendo, encontrei não é?” (AZEVEDO, 2012, p. 187).

Revista Vernáculo n.º 49 – primeiro semestre/2022

e notícias de jornais e revistas que abordam as peças, além de entrevistas cedidas aos mesmos e textos publicados quando trabalhou como repórter<sup>9</sup>.

O itinerário de possibilidades que levaram Jorge Andrade a escrever suas dezoito peças desde 1951 a 1981, é onde Azevedo por vezes se encontra, por mais que seu objetivo seja investigar os recursos épicos e expressionistas utilizados pelo objeto da pesquisa, faz-se necessário percorrer a trajetória do intelectual e suas relações com o contexto em que estava inserido, entre às décadas do final da República Velha ao final da Ditadura Civil-Militar. É através desse contexto que foi escrito as peças do autor, como explicita a autora: “as transformações pelas quais passara sua família (representante da antiga ordem<sup>10</sup>) e o mundo em que vivia no Brasil dos anos 1950 [...]” (p. 179) contribuíram para os temas abordados nas suas obras, como exemplo de *A Moratória* (1965), que utiliza de sua origem rural para narrar “[...] a crise histórica do café nas décadas de 1920 e 1930.” (p. 77). Da mesma maneira que as transformações da sociedade iriam ocorrendo, o autor esteve atento a sua máxima de registrar os homens e mulheres brasileiras em seu espaço e tempo<sup>11</sup>, novos temas foram abordados como em *Milagre na Cela* (1977), quando escreve sobre atos de tortura com base em fatos verídicos do traumático período da Ditadura Civil-militar.

Azevedo percorre as obras do dramaturgo buscando referências na sua vida para explicar que “assim como Brecht, Jorge Andrade é épico não apenas nos recursos, mas também na mensagem de mudança, de criação de um mundo mais justo.” (p. 176) através do auto questionamento. Desse modo, a autora similarmente conclui que as referências representam que “[...] Jorge se liga às práticas expressionistas por intensa e insuperável necessidade de expressar diretamente no palco sentimentos e conflitos pessoais.” (p. 178), assim, identificando que grande parte de suas obras, refletem o que seus sentidos interpelam do mundo em sua volta, seja pessoal ou/e coletivo, reflexo dos recursos estilísticos que auxiliaram moldar sua forma de fazer teatro:

É nesse metateatro que as linhas do realismo, do épico e do expressionismo se unem e fazem da obra andradina um fenômeno único no teatro brasileiro. O autor consegue expor não só o drama das personagens, mas também os dilemas nacionais, seus próprios conflitos pessoais e as estruturas do fazer teatral. (p. 182)

---

<sup>9</sup> Uma grande maioria das referências utilizadas pela autora, encontram-se reunidos no conjunto de textos organizado pela mesma no ano de 2012, Jorge Andrade 90 anos: (Re)leituras - Volume I: a voz de Jorge, juntamente com o evento comemorativo dos 90 anos do autor. O evento ocorreu no Teatro da USP e contou com participação de vários pesquisadores de teatro, assim como, leituras dramáticas e encenações de peças do autor.

<sup>10</sup> “[...] nascido em Barretos, numa família de ricos fazendeiros” (AZEVEDO, 2014, p. 11).

<sup>11</sup> Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* em 1977 sobre a peça *Milagre na Cela* (1977, Paz e Terra) o autor afirma: “A minha obrigação é escrever, registrando o homem no tempo e no espaço. Se a peça vai ser encenada agora, ou não, isso é outro problema. Um dia ela será” (AZEVEDO, 2014, p. 155) e foi, em 1981 e adaptada em filme 1984 com o título *A Freira e a Tortura* (85 min., Dir. Ozualdo Candeias).

A autora deste modo, reforça que a obra de Jorge Andrade é referência no teatro nacional ao procurar representar a sociedade brasileira. Ainda reafirma nesta obra a importância de pesquisas na dramaturgia *andradina*, abrindo novos caminhos e trajetórias para pesquisadores e pesquisadoras investigarem os *rastos* deixados pelo dramaturgo e *libertá-lo*<sup>12</sup>.

## Referências

ANDRADE, Jorge. **A Moratória**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1965.

ANDRADE, Jorge. **Marta, a árvore e o relógio**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

AZEVEDO, Elizabeth Ribeiro. *et all* (orgs.). **Jorge Andrade 90 anos: (Re)leituras - Volume I: a voz de Jorge**. São Paulo: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, Teatro da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2012.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do teatro brasileiro**. São Paulo: Global, 1997.;

MAGALDI, Sábato. **Moderna dramaturgia brasileira**. Editora Perspectiva, 1998.

MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. **Cadernos Cedem**, v. 1, n. 1, p. 16-31, 2008.

Recebido em 29/06/20 aceito para publicação em 18/01/22.

---

<sup>12</sup> “[...] minha peça contava verdades de nossa gente. Verdades que presenciei quando morava na fazenda. Cada pessoa que saía do teatro fazia-me sentir como se meu trabalho fosse gratuito, inútil. Parecia que havia destruído um mundo em mim, e que não conseguiria substituí-lo. Eu sei que o fracasso também é positivo, mas quando se tem coragem de voltar-se para dentro de si mesmo e avaliar os erros que cometemos. Devo aproveitá-lo para entender-me... e criar alguma coisa. Para isso preciso compreender esse passado e me libertar.” (ANDRADE, 1970, p. 460). Trecho da fala de Vicente (alter ego de Jorge) na peça *Rasto Atrás*.